



RELIGIOSIDADE NA EDUCAÇÃO: ELEMENTOS FAVORÁVEIS PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

José Lima de Alencar
Mestrando em Ciências da Religião/UEPA
limatabocal@yahoo.com.br
Bolsista FAPESPA

Maria Alice da Cruz Oliveira
Mestranda em Ciências da Religião/UEPA
alicymary@yahoo.com.br

GT - RELIGIÃO E EDUCAÇÃO

Resumo: Considerando que o ser humano é constituído por várias dimensões: psíquica, social, somática, religiosa entre outras, que o torna um ser profundamente necessitado e sequioso do transcendente, observamos a importância de se estimular o sentimento de religiosidade no indivíduo na intenção de relacionar intimamente este aspecto religioso com sua humanização, contribuindo para a formação de novos paradigmas no processo de renovação não somente dos conteúdos oferecidos pedagogicamente, como também de valores para obter um autoconhecimento em todos os seus aspectos. Neste sentido, o presente artigo tem o objetivo de analisar a religiosidade enquanto aspecto educativo que vai contribuir como elemento favorável na busca pela cidadania nos espaços sociais e educativos como um todo. O método utilizado partiu de um levantamento bibliográfico com base em autores que abordam esta temática, na perspectiva de privilegiar os aspectos da religiosidade como relevância dentro do processo educacional, assim como a construção da cidadania através das conquistas dos direitos. Considera que o elemento religioso se apresenta como mediação do crescimento e da transformação do ser humano, possibilitando-lhe maior aprofundamento diante do sagrado que, nas diversificadas formas, se encontra presente nas sociedades, desde as primitivas às contemporâneas, com incorporação de novos elementos valorativos, dentre os quais autonomia, direito às igualdades e às diferenças. Assim, a temática infere que religiosidade apresenta relevância tanto pedagógica, como também social, se apresentando dentro de novos paradigmas educacionais que vão estar presentes na compreensão do indivíduo enquanto cidadão caracterizado por seus aspectos humanistas centrado na autonomia, na ação e na esperança de um mundo que é construído por si e pelos demais indivíduos.

Palavras-chave: Religiosidade; Educação; Valores; Cidadania.

Partimos do pressuposto de que, diante da crise de paradigmas na contemporaneidade, a temática da construção e formação da cidadania se apresenta relevante e atual em nossos dias, sobretudo por contemplar a necessidade de uma educação, onde passa por um processo de conhecer o ser humano nos seus aspectos psíquico, social, somático, religioso entre outros, como um ser profundamente necessitado e sequioso do transcendente. Daí a necessidade de uma educação, onde passa por um processo de renovação e de ressignificação de conteúdos e valores, que vai priorizar o ato de conhecer do ser humano, em todos os sentidos, incluindo-se, o aspecto espiritual como possibilidade de crescimento e de transformação humana no mundo existente.

Dessa forma, objetivamos mostrar a religiosidade enquanto aspecto educativo, favorável para a construção da cidadania, o ser humano em busca constante do transcendente, mostrando a religiosidade como peça fundamental para sua humanização. A esse respeito, Junqueira (2004, p. 103) afirma que a “religião é o fenômeno produzido pelas sociedades humanas, situadas em contextos histórico-geográficos diferentes, para responder às questões fundamentais da existência humana, no seu aspecto de limite, mas também anseio de transcendência”.

Por isso, a temática em questão, partindo de uma metodologia de cunho bibliográfico, valeu-se de algumas abordagens sobre a religiosidade em articulação ao processo de educação para a cidadania, defendida, tanto pela Constituição Federal de 1988, quanto pela lei 8.069/90, sobre os direitos da criança e do adolescente. Assim, o artigo 205 da constituição declara: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, art. 205). Ao passo que o artigo 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) fundamenta os direitos nos seguintes termos:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 2004, art. 3º).

Por isso, além destes fatores fundamentais para a cidadania, observamos a grande necessidade de estimular nas crianças e adolescentes o sentimento de religiosidade, na intenção de relacioná-la à humanização, como fatores que contribuirão para a formação de novos paradigmas no processo de renovação dos conteúdos pedagógicos, provocando novas mudanças no tradicional modelo curricular, predominante em muitas escolas no Brasil. Tais mudanças podem ser observadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), nos seguintes termos:

Entende-se que a escola é um espaço de construção de conhecimento e principalmente de socialização dos conhecimentos historicamente produzidos e acumulados. Como todo conhecimento humano é sempre patrimônio da humanidade, o conhecimento religioso deve também estar disponível a todos que a ele queiram ter acesso (PCNs, 2009, p. 34).

Essa renovação pedagógica pregada pelos PCNs contribuirá de forma significativa, na medida em que ocorram transformações necessárias no âmbito escolar, por meio de uma concepção mais abrangente para a formação do ser humano, pois, afinal, compreendemos que os conhecimentos adquiridos na escola não sejam meramente prontos e acabados, mas parte de um todo construído e reconstruído no cotidiano escolar, a partir da realidade vivencial do educando. Porém, para que esta renovação pedagógica aconteça a partir de temas transversais, de forma interdisciplinar devemos considerar, conforme Barbosa (2011, p. 82), “a responsabilidade de todos nesse processo: governo, escola, família, professores, alunos, comunidades, igrejas, [...] na construção de uma educação cidadã cada vez mais voltada para o novo, que transforma a realidade do educando e de toda uma sociedade”.

Visto por este caminho, percebemos que a escola se apresenta como lugar privilegiado para a construção da cidadania, uma vez que buscará perceber o seu educando para além de um simples acadêmico, isto é, com olhares educacionais voltados para o seu aspecto humano e social.

A educação é, antes de tudo, relacionamento humano e social, representado basicamente por professores e alunos, exigindo não somente o que é próprio da educação, mas também, o que é próprio do ser humano como pessoa social. Por isso, o aluno não pode ser visto somente como aluno, mas também como cidadão e pessoa (Ibidem, p. 83).

A partir deste parâmetro é que se concebe o conceito de cidadania, que não é único, mas universal, em constante mudança, a partir de novos valores e direitos, a

começar pelo *direito a ter direito*: à educação, ao lazer, a saúde, a família e a cidadania. Segundo Dimenstein (2002, p. 22), “Cidadania é o direito de ter uma ideia e poder expressá-la. É poder votar em quem quiser e sem constrangimento [...]. É o direito de ser negro, índio, mulher sem ser discriminado. De praticar uma religião sem ser perseguido”. Cidadania, então, nada mais é que respeitar os outros, levando em consideração os deveres a serem respeitados para que os outros não firam nossos direitos.

Observamos que ser cidadão na sua essência requer novas aspirações e interesses diversos, para que sejamos reconhecidos coletivamente como cidadãos humanos, pois a construção da cidadania se concretiza através das conquistas dos direitos, a partir da noção de cidadão, incorporada novos elementos valorativos como autonomia, qualidade ambiental, direito de igualdade em meio às diferenças entre outros.

Nessa direção, as discussões em torno dos direitos da criança e do adolescente, no âmbito da religiosidade como aspectos de construção da cidadania, se fazem pertinentes, ao que se refere ao aprendizado dos valores, na construção de alicerces dentro da perspectiva de vida coerente e com dignidade humana, buscando soluções cabíveis e de bom senso, dentro desse contexto social contemporâneo, provocado pela ciência nos seus diversos estudos, em que o ser humano passa por frequentes mudanças, como um ser inacabado, que se refaz no campo social, cultural, religioso entre outros, a partir das variáveis dimensões que possui, dentre as quais a de um ser profundamente sedento pelo transcendente.

A esse respeito, Pierre Lèvy, cientista francês, vai afirmar que: “Vive-se a era da informação, da cibercultura e, conseqüentemente, se o conhecimento só serve se estiver a serviço de todos, assim também deveria ser o amor em busca do diferente, para fundi-lo em mim e transformarmos em um uno” (LÈVY, 1999, p. 20).

A partir dessa reflexão, a temática além de complexa, vai polarizar muitas discussões, por não trabalhar só a questão subjetiva, como também está em seu bojo, contendo uma série de opiniões, no que refere às questões filosóficas e científicas, que se divergem, uma da outra, possibilitando assim um estudo mais detalhado acerca da relação do homem com o sagrado. Para Morin (apud VEGA; NASCIMENTO, 1999, p.

10), negar estas diversas formas significa “negar a própria antropologia filosófica que, estudando o homem em sua complexidade aponta o sentimento de religiosidade como uma das dimensões do ser humano”. Por isso, esta relação de religiosidade com o ser humano vem se tornando cada vez mais um fenômeno universal.

Um aspecto que merece atenção nessa análise perpassa em torno da unanimidade científica sobre a afirmação de que o homem não poderia sobreviver sem a religiosidade, pois esta, de acordo com Alves (1999, p. 29), “intensifica a vontade de viver e lhe dar coragem para tudo enfrentar e ultrapassar”. Dessa forma, não difícil entender o quanto se faz importante o acompanhamento do desenvolvimento da religiosidade de uma criança/adolescente, a fim de ajudar-lhe a se tornar um adulto plenamente reconhecido com o mundo, no mundo e com a sociedade.

Compreendemos assim que o fenômeno religioso requer um estudo necessário a partir das experiências religiosas específicas, ou seja, na sua estruturação e coerência, pois a linguagem religiosa eleva a experiência do sagrado com a experiência humana, condicionada por sua forma de ser segundo seu contexto histórico e cultural. Assim, podemos dizer que a experiência humana é também uma experiência religiosa na medida em que a vivência relacional se estabelece com o mundo, com o outro e com o grupo humano ao qual está inserido.

Outro elemento fundamental é a compreensão de que todas as religiões contribuem para manter a ordem social e política na sociedade. A este viés, afirmamos que as ciências sociais também ajudam a entender o lado humano da religião a partir da observação dos ritos religiosos e das suas influências na vida das pessoas e da sociedade como um todo. Por isso, a partir desta visão sociológica, percebemos grandes mudanças de paradigmas demonstrados nas variáveis transformações, sejam na educação, por meio das instituições educativas, sejam a partir dos valores e ideias existentes na sociedade contemporânea.

Entretanto, a partir deste contexto social pós-moderno verificamos notavelmente os grandes desafios que, de uma forma ou de outra, irão implicar de forma considerável no imaginário social e religioso dos indivíduos, atropelados pela desintegração familiar e social, pela violência e crise de valores numa sociedade secularizada. Todos estes fatores contribuirão para uma busca desenfreada do *religioso*, caracterizando no ser

humano um sentimento de religiosidade, fenômeno universal, acima de quaisquer regras e dogmatismos.

A religiosidade está para além de toda simbologia humana, ao que segundo Alves (1999, p. 25) trata-se de algo “tão misterioso, tão grandioso, que somente a arte, a poesia e a beleza poderão atingir”. Freinet (1996, p. 33), por sua vez, chama a atenção para a necessidade de provocar no educando, não só a vivência e valores como também oportunizar momentos de cuidado, escolhas, solidariedade, partilha, reflexão com a natureza, expressões criativas e criadoras, o colocar-se a serviço, o ouvir com o coração, pois, caso contrário, se perderá grande parte dessa dimensão religiosa intrínseca ao ser humano.

Para Fernandes (2000, p. 27), “religiosidade é a dimensão mais profunda da totalidade da vida humana. É a busca da abertura ao transcendente, aquilo ou aquele que ultrapassa a superfície da vida, o sentimento radical da existência”. Corroborando da mesma ideia, Sandrini (1988, p. 44) vai afirmar que “a religião é a vivência comunitária da religiosidade. As diversas religiões são maneiras concretas das pessoas viverem a sua religiosidade. Só se pode falar em religião quando a religiosidade é vivida em comunidade”. Assim, podemos confirmar que o sentimento de religiosidade está intimamente ligado ao sagrado e como tal, só existe no domínio religioso, a partir de elementos que ultrapassam o que denominamos como algo inefável.

Partindo dessa compreensão do humano como ser religioso, podemos nos valer, ainda que rapidamente, de alguns aspectos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96, que prevê uma educação para a religiosidade de caráter universal, pois a partir desta base fundamental, o valor da religião deve ser entendido por todos os seres humanos que buscam e sonham com um mundo focado numa vida presente em todas as formas de relações e numa resposta ao cidadão de forma livre, consciente e pessoal.

Dessa forma, a dimensão religiosa é algo presente no indivíduo e na sociedade onde vive. Tanto a religiosidade quanto a religião, fazem parte do processo educacional do cidadão, assim como as demais ciências, pois perpassa de maneira ativa todos os âmbitos da vida dos cidadãos. A religiosidade está em todos os lugares e ambientes,

desde as ruas, templos, santuários, programas de TV, até as expressões mais peculiares dos mais diversos grupos sociais, como afirma Barbosa (2011, p. 91-92):

A religiosidade é, assim, parte constitutiva da identidade histórico-cultural do Brasil, assim como do mundo. Não é possível ignorar isso, muito menos no âmbito educacional, pois a escola é responsável por formar cidadãos para o mundo, em contato com essa religiosidade. [...] a construção de uma ética transconfessional na escola exige [...] saber como dialogar, conviver e respeitar o outro no seu espaço de fé e da prática religiosa.

Neste pressuposto, nos reportamos para o papel do educador, que se apresenta como mediador no momento de organização dos meios para que o processo da aprendizagem possa fluir, não só como conhecimento didático, mas também como aprendizagem e apreensão da religiosidade para a vida, levando em consideração o capital cultural e social de cada indivíduo, como nova e diferente forma de proporcionar uma cultura capaz de avaliar os aspectos inerentes à formação integral do ser humano, dentre os quais a sua religiosidade.

O educador Içami Tiba, em sua obra “Quem ama, educa!” nos alerta para a importância da religiosidade na formação do ser humano. De acordo com o referido autor a religiosidade é o amor quase intuitivo que a criança sente pelo próximo, ou seja, concebe que o ser humano já nasce dotado desse amor, cabendo ao adulto cultivar esse aspecto para que a criança assimile e adquira a capacidade de amar de maneira global, conforme organização para a vida social. Por isso, conforme Tiba (2000, p. 8), “a religiosidade tem uma forma muito grande, é baseada nela que o ser humano cresce e se prepara para a vida”.

Compreendemos que seja de fundamental importância a abordagem sobre a religiosidade enquanto aspecto educativo para a busca da cidadania e sua relação com a humanização dentro dos novos paradigmas educacionais. Esperamos, portanto, por meio desta discussão, que é apenas uma breve aproximação do entendimento sobre a religiosidade no âmbito educacional, poder contribuir de forma favorável para que se tenha uma sociedade justa, em que os direitos conquistados possam, de fato, ser respeitados com dignidade.

Referenciais

ALVES, Rubem. **O que é religião?** 5. edição. São Paulo: Loyola, 1999.

BARBOSA, José Ruy Feliz. **O ensino religioso na escola e o desafio da transconfessionalidade.** Santarém: edição do autor, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes de Base da Educação – 9394/96.** Brasília: MEC, 1996.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei nº 8.069/90.** Brasília. MEC, 2004.

_____. Constituição Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Ministérios das Comunicações, 1988.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel:** a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil. São Paulo: Ática, 2002.

FERNANDES, Maria Madalena. **Afinal o que é o ensino religioso?** Sua identidade própria em contraste com a catequese. São Paulo: Paulus, 2000.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso.** 2. Ed. São Paulo, SP: Martins Fonte, 1996.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; WAGNER, Raul (Orgs.). **O ensino religioso no Brasil.** Curitiba: Champagnat, 2004. (Col. Educação: Religião, 5).

LÈVY, Pierre. 1999. **A inteligência coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço. 2. ed. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **Ensino religioso:** Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

SANDRINE, Marco. **O ensino religioso escolar:** um desafio sempre presente. Revista de Catequese, nº 44, 1988.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa!** São Paulo: Gente, 2000.

VEGA, Alfredo Pena; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. **O pensar complexo:** Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro, Garamond, 1999.